

## UMA APRESENTAÇÃO SOBRE OS CONCEITOS DE REVOLUÇÃO MILITAR E REVOLUÇÃO EM ASSUNTOS MILITARES

Leandro José Clemente Gonçalves\*

### RESUMO

O presente artigo visa apresentar os conceitos de Revolução Militar e Revolução em Assuntos Militares. Embora sejam parecidos na forma, são muito diferentes nas suas origens e conteúdos. O primeiro foi apresentado pelo historiador Michael Roberts em 1953, em seu artigo *The Military Revolution, 1560-1660*, ao passo que o segundo nasceu nos anos 1980 dentro do Departamento de Defesa (DoD) dos Estados Unidos, num contexto de preparação dos países membros da OTAN para uma guerra convencional de larga escala contra os países socialistas do Pacto de Varsóvia e a República Popular da China, quando havia a crença de que as tecnologias militares do ocidente seriam suficientes para alcançar a vitória sobre seus adversários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conceito, revolução, guerra; estratégia, tática.

### ABSTRACT

This article presents the concepts of Military Revolution and Revolution in Military Affairs. However similar in shape, the terms are very different regarding their origins and contents. The first was presented by historian Michael Roberts in 1953, in his article "The Military Revolution, 1560-1660", while the second was born in 1980 within the U.S. Department of Defense (DoD), in the context of preparation of the member countries NATO for a large-scale conventional war against the socialist countries of the Warsaw Pact and the People's Republic of China, when THE belief that the military technology of the West would be enough to achieve victory over their opponents prevailed.

**KEYWORDS:** Concept, revolution, war, strategy, tactics.

O final da 2ª Guerra Mundial trouxe consigo uma nova e dramática realidade: a possibilidade do extermínio atômico de todas as espécies sobre a Terra. A novidade nuclear engendrou em si, entretanto, novas reflexões sobre o futuro da guerra e a respeito daquilo que ela havia sido até então. Muitos "pensadores da guerra" (historiadores, filósofos, sociólogos, cientistas políticos, militares e políticos, entre outros) começaram a falar sobre uma radical mudança na guerra, não somente de uma

---

\* Mestre em história pela UNESP-Franca (SP).

paz frágil para evitar a hecatombe nuclear, mas, fundamentalmente, de uma transformação na condução e realização das guerras do futuro. Surgia, então, uma nova categoria de análise, um novo conceito, para explicar o fenômeno “guerra”<sup>1</sup> \_ não somente o que ela passara a ser, mas especialmente, as transformações pelas quais havia passado desde o início do emprego de outra tecnologia com potencial supostamente transformador no século XIV na Europa: a pólvora. Dessa forma, em 1953, nascia o conceito de Revolução Militar, apresentado pelo historiador Michael Roberts em seu artigo *The Military Revolution, 1560-1660*.

Compreender este conceito significa obter subsídios para, no entendimento de Koselleck , simultaneamente compreender

“(...) o espaço de experiência e o horizonte de expectativa associados a um determinado período, ao mesmo tempo em que se investigava também a função política e social desse mesmo conceito”.<sup>2</sup>

### **Origem do Conceito de Revolução Militar**

Embora não exista concordância entre os vários autores que trabalharam o conceito de Revolução Militar, podemos defini-la como uma transformação na esfera militar, com grande repercussão e alcance sobre a sociedade, a economia, a política e a cultura, projetando transformações que teriam levado à superação da sociedade medieval e aberto as portas da Europa para a modernidade e o início de seu processo de dominação colonial mundial \_ sendo este último aspecto do colonialismo comum a quase todos os pesquisadores da Revolução Militar.

As primeiras pesquisas realizadas acerca deste tema partiram de historiadores profissionais britânicos que, nos anos 1950, estavam interessados no desenvolvimento do próprio Estado moderno europeu no século XVII. O pioneiro destes estudos foi o professor Michael Roberts que, em 1955, apresentou o conceito no

---

<sup>1</sup> Aproveitamos aqui para reforçar a tese de Koselleck de que os conceitos são dotados de unicidade e particularidade: “(...) todo conceito só pode ser falado/expressado uma única vez. O que significa dizer que sua formulação teórica/abstrata relaciona-se a uma situação concreta que é única”. Assim, temos o caso do conceito “guerra”, que pode, como outras palavras-conceitos trazer em si novas formulações conceituais. KOSELLECK, Reinhart. 1992:138.

<sup>2</sup> KOSELLECK, Reinhart. 2006: 104.

artigo “*The Military Revolution, 1560-1660*”<sup>3</sup>. Acerca do assunto, Roberts argumentava, então, que no período coberto por sua pesquisa, quatro elementos haviam desencadeado uma Revolução Militar que levaria ao fortalecimento do Estado moderno. Estes elementos seriam: **uma revolução na tática dos exércitos**, com a substituição dos enormes quadrados de piqueiros (os *tercios* espanhóis) por formações lineares de mosqueteiros dotados de armamento individual padronizado e custeado pelos cofres do Estado, a “popularização” da cavalaria graças ao fim do uso das armaduras e ao fato de o Estado passar a bancar as montarias e equipamentos dos soldados e, por fim, a necessidade de manutenção dos exércitos em tempo de paz, pois devido ao elevado custo para treiná-los e mantê-los não era financeiramente viável desativá-los na paz; **uma revolução na estratégia**, pois com os novos exércitos permanentes e profissionais, seria possível a demanda por objetivos políticos mais ambiciosos, como a condução de campanhas simultâneas em um ou vários teatros de operações e a procura pela batalha decisiva; **o crescimento dos exércitos**, demandado pela nova e dilatada estratégia; e finalmente, **o dramático aumento do impacto da guerra sobre a sociedade**, tanto em virtude dos maiores custos tributários e a convocação de homens produtivos para a guerra, subtraindo-os dos setores produtivos da economia, quanto pela destruição desencadeada pela luta em si.<sup>4</sup>

Outra importante contribuição ao estudo da Revolução Militar partiu de Geoffrey Parker, importante historiador especialista em Idade Moderna, profundo conhecedor das guerras espanholas dos séculos XVI e XVII. Embora tenha conferido uma nova vida ao estudo da Revolução Militar, e à História Militar em geral, no final dos anos 1980, Parker apenas retrocedeu o período estudado por Roberts para o início do século XVI e deslocou seu foco de transformações militares da Holanda e Suécia, como sugeriu Roberts, para a Espanha governada pelos Habsburgo.<sup>5</sup>

Mais recentemente, dois outros autores chamaram atenção ao retrocederem mais ainda a Revolução Militar ou adiantá-la para o século XVIII. O primeiro é Clifford Rogers, para quem a datação correta da Revolução seria o século XV, onde teria se dado a primazia da infantaria sobre a cavalaria, em particular por causa do arco longo inglês utilizado contra a cavalaria feudal francesa em Agincourt. O segundo é Jeremy Black, que assenta a Revolução não em aspectos puramente tecnológicos, mas na ênfase na

---

<sup>3</sup> ROGERS, Clifford. 1995.

<sup>4</sup> PARKER, Geoffrey. 2002: 37, 38.

<sup>5</sup> 2002: 73.

disciplina por parte dos exércitos europeus e nos mostra que somente após a superação de cisões religiosas ainda próprias da Reforma Protestante e da Contra-Reforma Católica é que os governos puderam organizar e disciplinar seus exércitos. Assim, nesta perspectiva, foi a mudança social que possibilitou a extração do melhor uso da tecnologia e não a tecnologia quem tornou viável a mudança social.<sup>6</sup>

Para estes e outros pesquisadores da Revolução Militar, este fenômeno seria

“(...) um período de rápida mudança na forma como a guerra é conduzida, com resultados tão significativos que eles mudam o curso do desenvolvimento histórico muito além da esfera militar”.<sup>7</sup>

Embora seja perfeitamente possível discutir onde e quando ocorreram as Revoluções Militares, ou mesmo se estas existiram de fato, Morillo e Pavkovic consideram que os trabalhos dos seus defensores e detratores tiveram, pelo menos, o grande mérito de recolocar a História Militar dentro do *mainstream* da ciência História, restaurando gradualmente seu status dentro do ambiente acadêmico.<sup>8</sup>

Totalmente diversa é a origem do conceito de Revolução em Assuntos Militares (RAM), apesar deste também ter sido apropriado por estudos promovidos por historiadores profissionais.

### **A Origem do Conceito de “RAM”**

Por volta de meados dos anos 1970 o Departamento de Defesa dos Estados Unidos e seus congêneres da OTAN preocupavam-se em compensar a vantagem numérica das forças convencionais da União Soviética e seus aliados do Pacto de Varsóvia, não somente com artefatos nucleares, mas especialmente com armamento convencional de tecnologia de ponta. Em 1976 o secretário americano de defesa, Harold Brown, acreditava ter encontrado a resposta para este problema numa “estratégia de compensação” que apostaria todas as suas fichas na tecnologia para superar a vantagem esmagadora das forças comunistas. Entre os dispositivos de alta-tecnologia, então vislumbrados pelo Departamento de Defesa, estavam os aviões invisíveis aos radares

---

<sup>6</sup> ROGERS, Clifford. 2008: 15-34.

<sup>7</sup> MORILLO, Stephen. PAVKOVIC, Michael. 2006: 73.

<sup>8</sup> 2006: 81.

(*stelath*), novos sistemas eletrônicos de comando, controle, comunicações, inteligência (sintetizados na sigla C3I) e munições guiadas de alta precisão (popularmente chamadas “armas inteligentes”).

Os soviéticos, que, então, baseavam sua estratégia para uma eventual guerra europeia numa ofensiva blindada (com tanques e veículos blindados de transporte de tropas) em larga-escala, contando com suas próprias forças e as de seus aliados europeus orientais, passaram \_ principalmente graças aos estudos desenvolvidos pelos chefes do estado-maior geral, Nikolai Ogarkov (1977-84) e Segei Akhromeyev (1984-88) \_ a apreciar esta transformação tecnológica como uma “Revolução Técnico-Militar”<sup>9</sup>. A doutrinação marxista-leninista do corpo de oficiais do Exército Vermelho lhes permitia uma imensa receptividade ao conceito de revolução nos meios militares. Mesmo com os expurgos stalinistas de 1937, o conceito de Revolução Militar vingou, em grande parte devido ao choque causado pela Blitzkrieg de 1941 e pela introdução, 1970 em diante, nas forças armadas americanas, de munições guiadas de precisão. Isto

“(...) sugeriu aos pensadores soviéticos que uma revolução tecnológica estava ocorrendo (...). Dada sua atenção \_ baseada em ideologia \_ aos fatores materiais, os soviéticos focaram sobre aspectos tecnológicos do que eles percebiam como uma “revolução técnico-militar” emergente.”<sup>10</sup>

Em 1993, após o estrondoso sucesso daquelas novas tecnologias sobre as forças convencionais de Saddam Hussein na Guerra do Golfo (1991), o analista norte-americano de defesa Andrew Marshall cunhou o termo “Revolução em Assuntos Militares” (ou RMA, do inglês *Revolution in Military Affairs*), derivando-o do conceito de Revolução Técnico-Militar dos intelectuais-militares soviéticos, para descrever as transformações desencadeadas pelas novas tecnologias de informação sobre a tática, doutrinas e estrutura das forças armadas.

Enquanto, entretanto, os soviéticos percebiam a transformação como um produto da inovação tecnológica, Marshall percebia que somente a tecnologia não seria suficiente para desencadear a mudança, havendo “(...) a necessidade de desenvolver novas doutrinas e procedimentos de emprego, táticas e formas de organização para que as novas armas pudessem demonstrar seu alcance real (...).<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> LIAROPOULOS, Andrew. 2006: 364.

<sup>10</sup> MURRAY, Williamson. KNOX, MacGregor. 2001: 2, 3.

<sup>11</sup> PIELLA, Guillem Colom. 2008: 42.

Piella Colom define a Revolução em Assuntos Militares e sua natureza ao afirmar que se trata de

“(…) uma transformação na forma de operar dos exércitos, de conseqüências estratégicas, que pode produzir-se quando se integram e exploram novas tecnologias, táticas, doutrinas, procedimentos ou formas de organização (...) também se tem comentado que existe uma certa tendência em identificar estas revoluções como a consequência lógica da invenção de novas armas mais letais ou eficientes, contudo, a experiência histórica demonstra que os avanços tecnológicos por si dificilmente podem provocar uma mudança desta natureza ou alcance. Efetivamente, para que um desenvolvimento tecnológico possa resultar numa RAM, não somente é necessário transformar as estruturas, procedimentos e táticas militares, senão também a ideologia e práticas do coletivo castrense, que deve substituir os velhos costumes por novas técnicas, métodos e estilos de comando e controle das operações. Em outras palavras, a tecnologia é um elemento necessário, porém, insuficiente para explicar a gênese das Revoluções em Assuntos Militares”.<sup>12</sup>

Logo, enquanto a Revolução Militar seria uma transformação de amplo escopo nas relações entre Estado, sociedade, economia e forças armadas, a Revolução em Assuntos Militares ocorreria apenas no ambiente propriamente militar, conduzindo às novas formas de combate.

Para os teóricos adeptos da idéia de RAM, esta pode ser apresentada tanto como uma consequência de uma Revolução Militar de amplo alcance quanto ser apreciada como um elemento desencadeador de uma Revolução Militar. Passemos, agora, a uma breve descrição das principais Revoluções Militares e Revoluções em Assuntos Militares.

### **As Revoluções Militares**

Embora não exista consenso entre historiadores sobre quando e onde teria se dado a primeira das Revoluções Militares \_ dado que a maioria concorda com as conclusões de Michael Roberts, enquanto muitos outros a veem mais anteriormente, ainda na Idade Média<sup>13</sup> \_ começamos nossa breve exposição no século XVII.

### **O Exército Permanente e o Estado Moderno**

---

<sup>12</sup> 2008: 43, 44.

<sup>13</sup> Caso de AYTTON, Andrew. PRICE, J. L.. 1995.

Como foi dito anteriormente, Michael Roberts, Geoffrey Parker, Clifford Rogers e Jeremy Black, pioneiros do estudo da Revolução Militar acreditam que as reformas militares ocorreram inicialmente entre os séculos XVI e XVII. Para eles, as reformas militares introduzidas na Espanha, por volta de 1500, pelos nobres da casa de Nassau na República Holandesa e por Gustavo Adolfo no reino da Suécia, entre o final do século XVI e início do século XVII, teriam levado à constituição de imensos exércitos profissionais e permanentes.

Tais exércitos, constituídos muito mais por infantaria do que por cavalaria, tendo seus gastos com armamentos, equipamentos, provisões, transportes, uniformes, alojamentos e treinamento custeados pelo Estado, assim como seu potente trem de artilharia de sítio, tornaram-se cada vez mais onerosos e difíceis de administrar. Colocavam, assim, uma enorme pressão sobre a burocracia civil que, por sua vez, precisava passar por um processo de dilatação para melhor arcar com a administração militar e a arrecadação de tributos necessários à manutenção daquelas forças na paz ou na guerra. Por fim, é importante lembrar que o contingente destes grandes exércitos era constituído, principalmente, por mercenários, fato que acrescentava pressão sobre o Estado e aumentava a opressão deste sobre a sociedade para efetivar uma eficiente coleta de impostos. Assim, a primeira Revolução Militar teria conduzido ao nascimento do Estado moderno, na medida em que fortaleceu tanto seu aparato burocrático quanto o militar, reforçando ainda mais a centralização que desembocaria no Absolutismo.

### **Revolução Francesa e Revolução Industrial**

A partir da Revolução Francesa (1789-99) e da precedente Revolução Americana (1775-81), tornou-se possível aos governos dotarem-se de exércitos de massas de conscritos. Contra estes exércitos, as monarquias absolutistas eram capazes de colocar em campo apenas seus exércitos permanentes e profissionais de mercenários (geralmente estrangeiros) que, embora fossem considerados grandes pelos padrões que vigoravam nos séculos XVII e XVIII, eram demasiadamente pequenos e limitados quando comparados aos enxames de franco-atiradores da Revolução Francesa.

O Grande Exército napoleônico, assim como o próprio Napoleão, foi um subproduto da Revolução de 1789. A resposta continental a este desafio \_ e pode-se dizer assim - porque a Inglaterra insistiu até a 1ª Guerra Mundial em sustentar um

pequeno exército profissional, recusando-se a adotar o sistema de conscrição universal masculina\_ foi decorrência, principalmente das campanhas napoleônicas na Espanha (1808-14), da Rússia (1812) e da Prússia (1813). Estas campanhas produziram uma transformação que Clausewitz rotulou como uma “guerra moderna” por engendrar o “armamento do povo”. Nas suas próprias palavras:

“[...] os espanhóis mostraram [...] pela sua luta encarniçada, que o armamento geral da nação e as medidas insurreicionais podem produzir efeito numa grande escala [...], do mesmo modo, a Rússia ensinou-nos, através da sua campanha de 1812, em primeiro lugar, que um império de vastas dimensões não pode ser conquistado [...] e, em seguida que a probabilidade de êxito final não diminui sempre na medida em que se perdem as batalhas, as capitais e as províncias [...]. Além disso, a Prússia (1813) mostrou que os esforços súbitos podiam aumentar seis vezes mais as forças de um exército graça à milícia, e que esta milícia está igualmente apta ao serviço no exterior como no seu próprio país. Finalmente, estes acontecimentos mostraram .....todos o enorme fator que o coração e o sentimento de uma nação podem representar na produção das forças do Estado, na guerra e no combate, e, agora que os governos aprenderam a conhecer todos esses meios adicionais, não se deve estar à espera de que os deixem inativos em guerras futuras [...]”<sup>14</sup>.

Assim a grande Revolução Militar desencadeada pela Revolução Francesa seria marcada pela mobilização em massa (*levée en masse*) de enormes contingentes da população, com um substancial sentimento de fervor patriótico animando estas massas populares, fazendo com que o fenômeno da guerra não fosse mais considerado como um assunto de interesse exclusivo dos monarcas europeus mas, antes, como algo de interesse direto do povo.

A Revolução Industrial, por seu turno, tornou possível transportar, armar, vestir e alimentar eficientemente tais massas de soldados. Ao longo do século XIX, a industrialização cobriu a Europa e a América do Norte com ferrovias que aceleraram o deslocamento de exércitos cada vez maiores por distâncias ainda mais dilatadas do que aquelas cobertas nas campanhas militares dos séculos XVII e XVIII, e passaram a condicionar a estratégia, como nos mostra Martin Van Creveld:

“Já durante a década de 1850, os franceses se empenharam na construção de uma malha ferroviária projetada especificamente para fins militares, que lhes foi muito útil na guerra de 1859 contra a Áustria. Não fossem os trilhos e os fios, a guerra civil dos Estados Unidos teria sido inconcebível. O conflito de 1861.65 merece, de fato, a denominação de primeira guerra Ferroviária, já que a movimentação de ambos quase sempre dependia da disponibilidade de trilhos [...] ou tinha como fim destruir os trilhos do inimigo [...]. Só as

---

<sup>14</sup> CLAUSEWITZ, Carl Von. 1996: 245, 246.

ferrovias viabilizaram para os Federais a convocação de nada menos que 2 milhões de homens durante o conflito, façanha que, com uma população de apenas 27 milhões de habitantes dispersos por um país vastíssimo, não tivera paralelos até então”.<sup>15</sup>

Dotar um tal efetivo de soldados com moderno armamento pessoal, fardamento diversificado para as diferentes estações do ano e alimentos em conserva e desidratados em abundância de calorias só foi possível graças às modernas e ágeis indústrias bélicas, têxteis e alimentícias.

Por fim, mas não menos importante, a Revolução Industrial viabilizou comunicações de longo alcance, sustentadas pelo telégrafo elétrico, e a total transformação das marinhas da era da vela em modernas esquadras de encouraçados movidos pela força do vapor.<sup>16</sup>

### **As Guerras Mundiais (1914-1945)**

Inevitavelmente, as guerras do final do século XIX e da primeira metade do século XX incorporaram os elementos constitutivos das Revoluções Militares precedentes, porém, lançaram os fundamentos de uma nova transformação.

Se nas guerras do século XIX, a ferrovia era um elemento condicionador do planejamento estratégico terrestre, a mobilidade conferida aos exércitos na forma do motor a combustão interna e na constituição de forças mecanizadas e blindadas, libertaria os planejadores das amarras ferroviárias. Simultaneamente, a guerra alcançaria, ainda, as dimensões aérea e submarina.

Ao introduzir o bombardeio aéreo-estratégico contra os centros urbanos industrializados, durante a 2ª Guerra Mundial, e o ataque submarino aos comboios de suprimentos, as guerras mundiais teriam intensificado a pressão da guerra sobre a sociedade e vice-versa \_ aliás, uma tendência que já se observava desde a Revolução Militar dos séculos XVI e XVII.

A guerra neste contexto foi, porém, marcada pela luta convencional entre forças simétricas \_ quase sempre, mesmo equipamento, treinamento e comportamento do comando. Embora tenham ocorrido experiências de guerra assimétrica<sup>17</sup> durante e

---

<sup>15</sup> CREVELD, Martin van. 2004: 359-360.

<sup>16</sup> REID, Brian Holden. 1999: 16-31.

<sup>17</sup> Caso da resistência dos etíopes contra a ocupação italiana, entre 1935 e 1942.

entre as duas guerras mundiais, esta só alcançaria a plena maturidade durante os conflitos de baixa intensidade da era nuclear.<sup>18</sup>

## A Era Nuclear

Podemos distinguir, nitidamente, dois tipos de conflitos no período colocado entre 1945 e a primeira década do século XXI: o conflito convencional, interestatal \_casos das guerras árabes-israelenses de 1967 e 1973, da guerra Irã-Iraque, da guerra das Malvinas e dos conflitos do Golfo (1991 e do Iraque (2003) \_ e as guerras assimétricas de 4ª geração, que vêm ganhando ímpeto desde a Revolta Árabe contra a Turquia na 1ª Guerra Mundial, passando pela “guerra prolongada” maoísta e as guerras afro-asiáticas de libertação nacional até os atuais embates entre forças convencionais ocidentais e milícias islâmicas no Iraque e no Afeganistão.

Imaginava-se no final da década de 1940 que os artefatos bélicos nucleares inaugurariam uma era duradoura de paz entre as potências, pois, justamente em virtude de seu avassalador poder destrutivo, as armas nucleares anulariam a lógica da imposição da paz pelo vencedor ao vencido, dado que os dois lados de uma guerra nuclear já poderiam estar mutuamente destruídos ao final do conflito. Contudo, houve uma explosão de conflitos assimétricos de baixa intensidade, particularmente nas regiões menos desenvolvidas do planeta, entre forças não convencionais e as de ordem mais convencional, como nos casos do Vietnã (1945-1975) e do Afeganistão (1979-1988).

Nesse sentido, assumimos aqui a perspectiva de Thomas X. Hammes sobre a guerra assimétrica de 4ª geração, quando este diz que

A guerra de quarta geração (G4G) usa todas as redes \_política, econômica, social e militar \_ disponíveis, para convencer os tomadores de decisões políticas do inimigo de que seus objetivos estratégicos são inexecutáveis ou muito custosos para os benefícios perceptíveis. [...] Ainda enraizada na percepção fundamental de que uma vontade superior, quando adequadamente empregada, pode derrotar um poder militar e econômico maior, a G4G faz uso das redes sociais para conduzir sua luta. Diferente das gerações anteriores de guerras, ela não tenta vencer derrotando as forças militares inimigas. Em vez disso, via redes, ela ataca diretamente as mentes dos tomadores de

---

<sup>18</sup> Casos das guerras na Indochina entre 1945 e 1975. A primeira foi a luta dos comunistas vietnamitas contra os colonialistas franceses, entre 1945 e 1954, a segunda foi a luta pela unificação do Vietnã, entre os comunistas do Vietnã do Norte e o governo capitalista do Vietnã do Sul, amplamente apoiado pelos Estados Unidos, entre 1965 e 1975.

decisão adversários para destruir a vontade política do inimigo. As guerras de quarta-geração são longas \_ medidas em décadas mais do que em anos.<sup>19</sup>

Dessa forma, a Revolução Militar atômica não somente não impediu a guerra como esta recrudescer no pós-1945. Podemos, a partir desta data, notar dois tipos de conflitos: a guerra convencional interestatal \_ casos das guerras árabe-israelenses de 1967 (Seis Dias) e 1973 (Yon Kippur), da Guerra Irã-Iraque, da Guerra das Malvinas/Falklands e dos conflitos do Golfo (1991) e do Iraque (2003) \_; e as guerras assimétricas de 4ª geração, que vêm ganhando ímpeto desde a Revolta Árabe contra a Turquia na 1ª Guerra Mundial, passando pela “guerra prolongada” maoísta<sup>20</sup> e as guerras afro-asiáticas de libertação nacional até os atuais embates entre forças convencionais ocidentais e milícias islâmicas no Iraque e no Afeganistão.

### **Considerações Finais**

O questionamento que ora devemos introduzir acerca do estudo destes dois conceitos não remete ao seu conteúdo \_ sua coerência interna e seu potencial explicativo \_, mas antes, à sua validade como categoria de análise de um dado fato histórico \_ que, por si, também é um conceito \_, a saber: a guerra.

O historiador inglês Jeremy Black contesta, desde os anos 1990, a validade e mesmo a existência das Revoluções Militares e das Revoluções em Assuntos Militares. Para ele, uma revolução é um processo transformador fulminante, logo, não é possível falar em Revoluções Militares que, encadeadas, teriam durado do século XVI ao XXI, numa constante.

Por enquanto, para Black, a maior preocupação dos estudiosos dos dois temas deveria ser sua real aplicabilidade ao fato histórico como categorias de análise, e não a aplicação tácita, sem contestação e quase coletivamente consentida entre os especialistas do campo da História Militar.<sup>21</sup>

Diante dos temas aqui apresentados, pode-se concluir que as Revoluções Militares ou as Revoluções em Assuntos Militares são categorias de análise do

---

<sup>19</sup> HAMMES, Thomas Xavier. 2006: 2.

<sup>20</sup> GIAP, Vo Nguyen. 2005: 18

<sup>21</sup> BLACK, Jeremy. 2004: 242.

fenômeno da mutação da guerra ao longo da história, e que a mudança não deve ser tomada como subproduto, único e exclusivo, do desenvolvimento de novas tecnologias militares \_ dando origem a uma crença numa espécie de “determinismo tecnológico” \_, visto que a guerra depende também, e largamente, de novas doutrinas operacionais, de organizações coerentes com a inovação tecnológica, além de um contexto social, cultural e econômico que permitam gerar a transformação.

### Referências Bibliográficas

BLACK, Jeremy. *Rethinking Military History*. New York: Routledge, 2004.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CREVELD, Martin van. *Ascensão e Declínio do Estado*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GIAP, Vo Nguyen. *Manual de Estratégia Subversiva*. Lisboa: Sílabo, 2005.

HAMMES, Thomas Xavier. *The Sling and the Stone: on war in the 21th century*. St. Paul: Motorbooks, 2006

KNOX, MacGregor. MURRAY, Williamson. *The Dynamics of Military Revolution, 1300-2050*. Cambridge University Press, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. *Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 5, n 10, 1992.

\_\_\_\_\_. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LIAROPOULOS, Andrew. *Revolutions in Warfare: theoretical paradigms and historical evidence – the Napoleonic and First World War Revolutions in Military Affairs*. In: *The Journal of Military History*, Vol. 70, no 2 (April, 2006).

MORILLO, Stephen. PAVKOVIC, Michael. *What is Military History?* Cambridge, Polity Press, 2006.

PARKER, Geoffrey. *La Revolución Militar: innovación militar y apogeo de Occidente, 1500-1800*. Madrid, Alianza Editorial, 2002.

PIELLA, Guillem Colom. *Entre Ares y Atena: El Debate sobre La Revolución em los Assuntos Militares*. Madrid, Instituto Universitario General Gutiérrez Mellado, 2008.

REID, Brian Holden. *The American Civil War and the Wars of the Industrial Revolution*. London: Cassell, 1999.

ROGERS, Clifford. *The Military Revolution Debate: readings on the Military Transformations of Early Modern Europe*. Boulder, Westview, 1995.

Recebido em 12 de Agosto 2013/

Aprovado em 16 de Novembro 2013.